

MANUEL FERREIRA PATRÍCIO. Por uma Pedagogia da Sageza

por Luís Miguel Sebastião

I

Quando me convidaram para fazer uma intervenção neste encontro de homenagem ao Prof. Manuel Ferreira Patrício, avisando-me, no entanto, de que não se visava um testemunho, mas uma reflexão teórica, substantiva, sobre o seu pensamento, cumpriu-se um dos meus maiores receios. Na verdade, sempre tive medo de ter que me confrontar com a minha ignorância acerca da obra publicada do “meu professor”, para roubar uma expressão ao meu filho do meio. É que, por muito que não o queira reconhecer, tenho tido muito pouco contacto com os seus textos na versão de letra de forma. A dispersão imensa, na geografia e no tempo, das suas publicações e o facto de a maioria da sua produção escrita estar ainda inédita, ajudam a compreender o fenómeno. Mas creio que a principal responsabilidade disso reside no facto de que, durante muitos anos – todos os da minha formação superior, e a grande maioria dos da minha vida profissional – tive o privilégio, imerecido, mas de que não abdicó, de testemunhar por longas horas o brotar do seu pensamento expresso na palavra dita, viva, vivificante, que é a sua; de ler ou, melhor ainda, ouvir ler as primeiras versões de muitos dos seus textos, cujo destino, depois, deixei de acompanhar.

É, naturalmente, de um enorme presunção afirmá-lo, talvez seja até deselegante fazê-lo, mas eu não conheço bem os textos publicados do Professor Manuel Patrício, porque os conheci, muitos deles pelo menos, no processo da sua construção. Mas uma coisa é certa: muito daquilo que eu hoje penso e sei e sou, penso-o, e sei-o, e sou-o, por me ter sido dado presenciar, e aprender com esse brotar de um pensamento sempre ousado, criador, capaz de submeter cada premissa a um escrutínio crítico sistemático e impiedoso. Felizmente que a minha presunção não vai ao ponto de pensar – na senda de S. Bernardo de Chartres – que sendo anão ao pé dele, sou anão aos seus ombros.

Por tudo isto, o que possa partilhar aqui convosco sobre o pensamento do Professor Patrício será, de alguma maneira, e ainda, o seu próprio pensamento, em acção, no meu modo de o pensar.

II

Como em todas as outras áreas de actividade, também na Filosofia e na Pedagogia há muito quem se preocupe em “estar na moda”, em citar o mais recente artigo sobre o mais badalado

assunto, em não dizer nada que não seja politicamente correcto e aceitável nos salões frequentados pela “*beautiful people*” do pensamento. Mary Migdley, essa notável filósofa moral inglesa, denuncia esta atitude, afirmando que os académicos se dividem entre os que procuram a verdade e os que procuram evitar o erro, sendo que estas duas atitudes, à primeira vista concorrentes para o mesmo fim, se revelam, as mais das vezes, antagónicas. Segundo ela, rodeados de cautelas e evitando qualquer ousadia do pensar, esquecem-se, os desta segunda espécie, de que único rigor que verdadeiramente nos defende do erro é o *rigor mortis*.

O professor Patrício não poderia ser mais avesso a esta atitude. Pensou, e ensinou, sempre, visando a procura da Verdade, sabendo que se poderia enganar algumas vezes, ter que recuar e recomeçar, tropeçar e mesmo cair, sem que isso beliscasse a sua determinação em seguir em frente. Mas, mais do que apenas a conhecer, o professor Patrício sempre quis contribuir para que a busca da Verdade se plasmasse na realidade como motor desse processo *ontagógico* – é claro que a expressão é dele – que promove, como limite do processo da formação da pessoa humana, a própria elevação do Cosmos em direcção à Verdade, à Beleza e ao Bem¹.

A professora Margarida Amoedo, num texto que publicou no *Liber Amicorum* do agora homenageado, conta que o Prof. Alexandre Fradique Morujão lhe sugeriu, quando soube que se candidatara a uma vaga de Assistente no Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, que ela dirigisse o processo “ao Senhor Professor Manuel Patrício, uma pessoa interessantíssima, que vai longe na Filosofia, *embora* se mostre um pouco disperso por outras actividades”². Ora, em meu entender, são precisamente essas outras actividades – no fundo, a vida concreta, o comprometimento com a causa pública, o envolvimento político como exercício de uma pedagogia social e cultural –, a par com a sua actividade docente, que deram sentido ao seu filosofar. O professor Patrício fez Filosofia para iluminar com pensamento a sua acção. E toda a sua acção visou, no limite, a construção do humano. Numa expressão que lhe é muito cara, só um pensamento capaz de fecundar a realidade e de nela dar frutos vale a pena ser pensado.

III

A este propósito, ouvi, algumas vezes, a insinuação de que o Prof. Patrício se dedicara à Pedagogia por não haver lugar para ele nos areópagos da Filosofia. Enganam-se redondamente

¹ Cf. Manuel F. Patrício, *Teoria da Educação*, Évora, Universidade de Évora, 1983, p.45 (texto reprografado)

² Margarida Amoedo, “Exigências culturais da vida, Acepção vital da Cultura”, in J. B Dias e L. Sebastião (Org.), *Da Filosofia, da Pedagogia, da Escola, Liber amicorum Manuel Ferreira Patrício*, Évora, Universidade de Évora, 2008, p. 65

os que assim pensaram e falaram. Manuel Ferreira Patrício dedicou-se à Pedagogia – enquanto conhecimento e enquanto acção – porque está absolutamente convencido, e não se tem cansado de o afirmar, na esteira de Dilthey, de que a Filosofia só se cumpre na Pedagogia. E ambas, Filosofia e Pedagogia, só encontram legitimação e significado à luz da questão antropológica. Destinam-se a responder à pergunta: *o que é o Homem?* e a construí-lo em função das respostas que vão sendo encontradas para essa magna questão. (Formulámo-la ao modo de Kant, mas reformulamo-la agora para a dizer, de um modo mais *gender friendly*, *o que é o ser humano?*, ou ainda melhor, *o que é ser-se humano?*)

De facto, o Professor Patrício não teme confrontar o seu juízo nem com o dos gigantes. Por isso, escreve, em 2004, que à ideia de Kant de que as três perguntas que encerram o campo da filosofia, (a saber: que posso saber? O que devo fazer? e que posso esperar?) se podem reduzir à Antropologia, porquanto se referem à pergunta englobante, *o que é o Homem?*, se podem fazer duas críticas. “A primeira é que a pergunta radical que se deve fazer, a respeito do homem não é *sobre o que ele é*, mas sobre *quem ele é* (...) A segunda crítica é que a pergunta superiormente a fazer a respeito do homem não é sobre *o que ele é*, ou mesmo sobre *quem ele é*, mas sobre *o que fazer dele, como formá-lo, como fazer do homem/pessoa que ele pode ser o homem/pessoa que ele deve ser*”³.

Vê-se, assim, que é a Pedagogia o lugar epistemológico onde esta última questão se acolhe e busca resposta. Manuel Patrício disse e escreveu, repetidamente, que melhor que a designação Pedagogia, só a palavra Antropagogia exprime com propriedade plena este saber, este saber fazer e este fazer propriamente dito a pessoa que cada um deve ser a partir da pessoa que cada um está a ser.

IV

É, pois, natural, que seja a tentativa de compreensão do humano, da sua posição e da sua função no todo cósmico um tema recorrente no pensamento, no magistério (que para ele sempre foi, luminosamente, um modo de pensar em voz alta) e na escrita desta ilustre figura do claustro eborense. E desde os primeiros contactos com o este pensamento se percebe que para Manuel Ferreira Patrício, o modo humano de se ser humano é o de ser-se pessoa, isto é, abertura e relação. E é a pessoa quem está no centro do processo educativo. Se o seu sistema de pensamento suporta alguma adjectivação é, seguramente, o de personalista. De um

³ M. Patrício, L. Sebastião, *Conhecimento do mundo social e da vida. Passos para uma pedagogia da sagesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 2004, p.11

personalismo radical e absoluto que, saindo da pura reflexão teórica se exprime no seu modo de ser e agir quotidiano.

Sendo a pessoa, por essência, abertura e relação, só é apreensível, identificável, educável, a partir de uma abordagem totalizada ao universo em que se inscreve e onde evoluciona cada qual, como gosta Manuel Patrício de sublinhar, socorrendo-se da feliz expressão de Almada Negreiros.

Acontece que, nunca como agora, foi tão difícil pensar o humano, gerar consensos sobre uma ideia de humanidade com que possamos operar e, sobretudo, sobre o ideal de humanidade a realizar pela educação.

V

Estes tempos em que nos é dado viver são, na verdade, muito agrestes para quem quer pensar a educação. Para quem tem que, por obrigação social e dever profissional, realizar a educação nas situações concretas dos sistemas educativos.

Se esta afirmação carecesse de demonstração, bastaria que atentássemos nas expressões que tivemos que cunhar para nos referirmos a eles: pós-modernidade (Lyotard), pós-capitalismo (Drucker), modernidade líquida (Bauman), pensamento débil (Vattimo), etc. Termos que nos referir aos dias de hoje como pós-qualquer-coisa denuncia, simplesmente, a nossa incapacidade de os caracterizar substantiva e positivamente.

Particularmente ilustrativo desta dificuldade presente em pensar o humano, e nesta mesma linha de raciocínio, é o livro que Francys Fukuyama, depois de ter problematizado a emergência do último Homem e do fim da história, em 1992, publicou no início do milénio e a que deu o título *O nosso futuro pós-humano*. Tornou objecto da tecnociência, o ser humano pôs-se no único lugar em que, segundo Michel Serres, nunca deveria estar: aquele “onde se decide o modo de criar ou modificar o homem”.

Mas o mundo não pára e todos os dias, a todos os momentos e em todos os lugares, todos os humanos continuam a saber-se perfectíveis e a sentir-se imperfeitos e, sob o impulso desse *cogito antropagógico* – mais uma das pedras de toque do pensamento pedagógico de Manuel Ferreira Patrício – a procurar incessantemente aperfeiçoar-se. Numa palavra, a educar-se.

Portanto, não importa quão difícil seja encontrar a resposta para a pergunta sobre o que é o Homem. A pergunta persiste e não podemos prescindir de respostas, por mais provisórias, difusas, imprecisas que sejam. São elas que propiciam o sentido da vida sem o qual não

poderíamos persistir na vida. E isto é verdade para cada pessoa, mas é verdade, também, para cada comunidade, para cada nação, para cada civilização.

VI

Mas é, ainda, socorrendo-me de mais uma das intuições profundamente originais de Manuel Ferreira Patrício que consigo vislumbrar uma estratégia segura para navegar, sem periscópio, neste submarino submerso, que é a condição humana e, ainda assim, levar o navio a bom porto (a metáfora roubei-a a Teilhard de Chardin).

Trata-se do conceito de *sinagogia*. São conhecidas, e estão publicadas, as reflexões de Manuel Ferreira Patrício em torno dos conceitos de Pedagogia, Antropagogia, Ontagogia e Anagogia. Mas, a meu ver, nenhum tem tanto potencial generativo como o conceito de Sinagogia. E aparentemente sobre ele não terá escrito uma única linha⁴.

Chamou-me ele um dia a atenção para o facto de que a palavra "sinagoga" (do grego *synagogé*) tem como origem remota o elemento *sun*, que designa grupo, ou assembleia, e o verbo *ághein*, que significa guiar ou conduzir (como em Pedagogia). Daí o adjectivo sinagógico e o substantivo sinagogia para se referirem ao percurso feito em conjunto.

É irresistível o poder evocativo do conceito. As sinagogas são os templos do povo Hebreu. O povo de Deus. O que se define a si próprio como o Povo que caminha para a Terra prometida. Terra à vista da qual Moisés morrerá, sem que a tenha alcançado, como metáfora da vida de cada um de nós, de nós todos como povo ou humanidade cuja caminhada para o futuro – essa terra prometida –, se faz sem que a possamos alcançar. A sinagoga é, assim, o próprio povo que caminha e a *sinagogia* – o verdadeiro nome da educação pensada à escala total da humanidade – esse caminhar.

Sinagogia obriga-nos, então, a pensar o professor, não como aquele que conduz os seus educandos para um sítio que ele sabe bem onde é, porque já lá esteve, como faziam os pedagogos na Grécia antiga ao levar os meninos à casa do didáscala ou do citarista, mas como aquele que caminha com os demais para um sítio onde ninguém ainda esteve e que importa, em primeiro lugar identificar. Como aquele que pelas suas condições particulares, pelo seu saber, está em condições de liderar a caminhada.

⁴ Depois de ter feito esta afirmação, o meu amigo Professor José Manuel Martins, teve a generosidade de me corrigir e me enviar uma mensagem da qual transcrevo a parte relevante: "página 103 de *A Escola Cultural*, da Texto Editora - no 'Retrato do professor cultural, tirado de vários ângulos'. São cinco linhas e várias ocorrências do termo (sinagogia, sinagogo, sinagoga)". Aproveito para lhe fazer público agradecimento pela correcção.

VII

Uma decorrência deste entendimento da educação como *Sinagogia*, como acabámos de ver, é a necessidade de pensar o perfil do professor que se adequa a este tipo de missão e de pensar o seu modelo de formação.

É sabido que Manuel Ferreira Patrício foi um dos mentores da chamada formação integrada de professores que se iniciou nas chamadas universidades novas no ano lectivo de 1978/1979. O plano de estudos dos cursos da Universidade de Évora tinham a sua marca indelével, onde marcavam presença a filosofia da educação, sob a forma de uma teoria filosófica da educação, a história da pedagogia e da educação e a axiologia educacional, a par com a psicologia educacional, as didácticas, a administração escolar e a prática de ensino supervisionada na modalidade de estágio pedagógico.

O modo de estruturar a Divisão de Pedagogia e Educação (mais tarde Departamento de Pedagogia e Educação) era também expressivo de uma determinada epistemologia da Pedagogia ou, para me manter fiel à linguagem do meu mestre, de uma determinada gnosiologia da Pedagogia. O Departamento tinha três grupos disciplinares: o da pedagogia fundamental, o da pedagogia aplicada e o da psicologia pedagógica. E era evidente para todos nós, estudantes e docentes, que eram as disciplinas da Pedagogia fundamental que fundamentavam, legitimavam enquadravam o trabalho que se fazia nas outras disciplinas.

A própria designação do Departamento como departamento de Pedagogia e Educação é reveladora de um determinado modo de pensar o saber acerca da educação e do agir educativo que procurámos indiciar anteriormente.

VIII

Não vale a pena escamotear que, desde o início, este modelo de formação de professores esteve sob um fogo cruzado de críticas de proveniência variada, sendo, porventura as mais deletérias as oriundas das chamadas ciências da educação que, imbuídas do espírito positivista, e ciosas de afirmar o seu estatuto de *hard sciences*, negavam a importância das humanidades na formação de professores. Sob o efeito dessas críticas, o modelo integrado foi-se deixando abastardar, começando por subalternizar as dimensões histórica e filosófica da formação e reduzindo a axiologia educacional a uma deontologia profissional e a uma educação para a cidadania em benefício da didáctica, renomeada em desenvolvimento curricular.

Mas mais grave ainda foi o abandono, por força da lei, dos modelos integrados de formação inicial em nome de uma melhoria da preparação científica dos professores nas áreas de

docência. A mesma lei que condiciona a formação propriamente pedagógica dos professores de modo a que o que se chama a formação educacional geral – área onde caberia a filosofia da educação, a antropologia, a sociologia, a psicologia, a ética e deontologia, etc. fica reduzido a 12% do total da formação⁵.

Em suma, numa altura em que, mais do que nunca, careceríamos de docentes humana e culturalmente muito ricos vingou um modelo de formação de professores paupérrimo do ponto de vista humano e cultural e equivocado quanto à natureza e às competências exigidas a um professor neste tempo de pós-modernidade.

IX

É que, obviamente, o que se pede hoje aos professores é que sejam mediadores culturais, capazes de orientar e liderar os processos formativos dos nossos jovens. O que se pede, hoje, aos professores é que sejam, acima de tudo, sábios.

Concluirei, assim, esta reflexão, que começa a ficar longa, e no sentido de justificar o título que para ela propus, regressando, de modo quase literal, ao pensamento do Prof. Patrício e ao que ele pensa que devem ser os “tipos de conhecimento de que o educador necessita para o bom desempenho da sua missão”.

São eles⁶:

- a) O conhecimento instintivo ou biológico
- b) O conhecimento empírico ou prático
- c) O conhecimento científico e as suas aplicações técnicas e tecnológicas
- d) O conhecimento filosófico
- e) O conhecimento ságico, sapiencial, frónético ou prudencial

Por economia de discurso, e para fazer caber esta exposição no tempo de que disponho, referirei, apenas, o conhecimento ságico.

Para Manuel Patrício, a sagesa consiste no vértice da pirâmide que tem na base o conhecimento instintivo e, sobre ele, os restantes tipos de saber acima referidos.

⁵ Cf. Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro

⁶ Cf. M. Patrício, L. Sebastião, *Idem*, p. 124

A sagesa é a capacidade de integrar na vida e nas relações a totalidade do saber e da experiência, de modo a promover a harmonia entre as partes, a sintonia entre consciência e o real. A sagesa recorre a todos os modos de conhecer. Da razão da razão à razão do coração, de que falava Pascal. Para recorrer às palavras de Manuel Patrício, “a sagesa exige, ou supõe, um espécie de sintonia perfeita com o ser da realidade. Essa sintonia é respeito. É também união. Exprime-se em harmonia (...). Só este estado de espírito tem amplitude bastante para acolher o outro e orientá-lo em direcção a si mesmo.”

“Depois, é evidente que a sagesa não abunda. Pelo contrário, escasseia. Impregnar de sagesa a educação, como de temperos se impregna a comida, é uma necessidade premente no momento actual. Eis porque nesta hora se justifica o investimento humano numa pedagogia da sagesa”.

Resta-me pedir desculpa pela extensão da citação e agradecer a vossa atenção